Um escritor *de afectos*

Mário Cláudio é um escritor conceituado com uma vasta obra, diversas vezes galardoada, nomeadamente em 2004 com o Prémio Pessoa. Nascido no Porto, é professor universitário e escritor convidado de comunidades de leitura. A sua forte ligação à escrita, aliada à sua curiosidade, faz desta actividade um prazer que gosta de partilhar com os outros nas suas aulas e livros. Acredita que a escrita é uma necessidade biológica.

Texto: Carla Nogueira
Fotos: Virgínia Ferreira

Mário Cláudio considera-se alguém *"muito empenhado em racionalizar as emoções"*, o que revela tratar-se de uma pessoa predominantemente emotiva. No ano passado publicou o *Triunfo do amor português*, uma obra que faz uma nova leitura de algumas histórias de amor. À pergunta se é o amor que move os homens, sorri e diz não querer ser *"cínico ou extremamente materialista"* na resposta, mas é da opinião que aquilo que determina os comportamentos humanos é o estômago e o sexo. Para Mário Cláudio, o amor nem sempre tem uma dimensão construtiva, podendo ser muitas vezes destrutivo. A título de exemplo, menciona algumas figuras históricas como Alexandre *"o Grande"* e Napoleão, cuja edificação de império foi baseada no "amor" ou numa ideia aniquiladora.

Personagens e afectos

Nos seus romances foram revisitadas algumas personagens da cultura portuguesa como a violoncelista Guilhermina Suggia, a barrista Rosa Ramalho e o pintor Amadeo Souza-Cardoso, numa trilo-

gia que viria a chamar-se *Trilogia da Mão*.

Mário Cláudio refere que são as personagens que de alguma forma o procuram e não o inverso. *"De repente encontro-me com elas, exactamente como nos podemos encontrar com alguém do nosso passado; há ocasiões em que pensamos muito numa pessoa e não sabemos explicar porquê"*. O escritor revela pensar muito no passado. *"O que alimenta a ficção é de facto a experiência que está necessariamente ligada àquilo que se viveu"*.

Há igualmente episódios históricos que retrata nas suas obras e que são ponto de partida para um trabalho de ficção. O romance *Orion* teve por base um episódio quase desconhecido da História de Portugal, ocorrido no reinado de D. João II, que lhe permitiu abordar a questão do poder.

Necessidade biológica

A escrita é para si uma necessidade biológica, *"uma condição de sobrevivência"*. O escritor admite que não consegue estar mais de dois dias sem escrever, nem mesmo quando viaja, procurando manter-se sempre ocupado. Colabora em jornais, dá aulas num mestrado de Teologia na Universidade Católica Portuguesa, dirige cursos em Serralves e anima comunidades de leitores *"Sou daquelas pessoas que descansam muito mais a trabalhar do que a descansar"*. Para si estas actividades são uma extensão do seu ofício de escritor. *"Quantas vezes me vem uma boa ideia durante uma aula ou durante a escrita me surgem temas de que posso falar aos alunos"*.

O Prémio Pessoa foi importante mas em nada alterou a sua rotina da escrita. *"Acho que nenhum escritor pode estar dependente de qualquer tipo de sucesso ou de insucesso seja nas vendas, críticas ou simplesmente na solidariedade dos amigos"*. Procura acompanhar o que é publicado por jovens escritores, reconhecendo que é

Costuma escrever tudo à mão

fácil *"às pessoas de idade mais avançada desligarem-se do que vem a seguir"*.

Dedica diariamente algumas horas à leitura, de biografias e ensaios, a romances e livros de história, passando por jornais e revistas. Na sua biblioteca, e um pouco por toda a casa, tem livros nos mais diversos géneros. Nunca relê, porém, as obras que escreveu. *"Não me sinto afectivamente ligado a elas. A partir da altura em que são publicadas, desligo-me delas, o que não significa que não acompanhe o seu destino editorial"*.

Ritual da escrita

Mário Claúdio é um escritor com uma vasta obra nos mais diversos géneros, nomeadamente na ficção, romance, crónica e teatro. Mas confidencia que é para a narrativa ficcional que se sente mais *"talhado"*. *"Com o tempo fui descobrindo que é difícil manter o mesmo nível nas várias áreas"*.

O trabalho da ficção pressupõe uma rotina a que se dedica diariamente, por regra de manhã. Costuma escrever tudo à mão e no dia seguinte relê e rasura bastante do que escreveu na véspera. Há uma pessoa que lhe processa os textos a computador, os quais são posteriormente revistos por si. *"Há sempre dois ou três amigos que me acompanham, em cuja opinião muitas vezes me baseio, e que me dão sugestões para alterações ou que me chamam a atenção para aquilo que julgam estar menos bem"*, refere.

Na produção de um romance há uma fase preparatória de recolha de notas, a elaboração de uma estrutura que depois pode ser abandonada. Existe também um período de investigação e pesquisa, seguindo-se o trabalho de feitura do romance, que pressupõe um horário. *"À medida que vou construindo o livro, ele vai sofrendo alterações ao projecto inicial. Aí reside a aventura mais electrizante do acto de escrever."*

A investigação dá-lhe imenso prazer. Tem várias obras

A Baixa era um lugar de identificação

que remetem para o passado, a épocas com hábitos e costumes distintos dos da actualidade. *"É muito interessante entrar numa atmosfera pessoal, de lugar e tempo. Isso depende não tanto de uma investigação, mas sim de uma atitude mental"*, salienta. Partindo da frequência dos lugares, das revistas da época, da percepção do modo de vida de um determinado período, inicia-se uma viagem sensorial para a criação de uma atmosfera, sendo este um grande desafio.

Mário Cláudio afirma não necessitar de silêncio para trabalhar. *"Não posso estar simultaneamente atento a um texto que tenho entre mãos e uma peça musical que me interessa; ninguém se propõe a ouvir música usando um «livro de fundo»"*.

O escritor e a cidade

O gosto pela escrita surgiu muito cedo na sua vida. Já numa fase mais adulta começou a escrever poesia, com a noção de que viria a dedicar-se a tempo inteiro à escrita. O facto de viver numa época de "proibições" foi importante porque lhe aguçou a curiosidade pela leitura e por alguns escritores.

Da infância tem óptimas memórias. Apesar de ter sido filho único teve a sorte de conviver com tios adolescentes o que terá contribuído para um contexto familiar bastante juvenil e com relações do *"mais vivo e alegre"*.

Da cidade da sua infância recorda a Baixa, pois o Porto dessa época não tinha uma *"verdadeira periferia"*. O centro da cidade foi também marcante na adolescência do escritor. *"Era um lugar de identificação"*, afirma. Era habitual aos sábados de tarde as pessoas da sua geração percorrerem a Baixa, nomeadamente a Rua de Santa Catarina e frequentarem os cafés e as confeitarias. *"Íamos à Baixa para nos encontrarmos e para nos reconhecermos na pertinência a um contexto urbano comum, mais humanizado «por isso», do que aquele em que nos situamos hoje"*, refere.